



LUTAR SEMPRE
É O NOSSO PAPEL.

IMPRESSÃO GRÁFICA

Especial

FILIADO À
CUT

335
AGOSTO
2026

INFORMATIVO DO SINDICATO DOS GRÁFICOS DO ABC • Diretor Responsável: Francisco Carlos Campelo da Silva • Jornalista Responsável: Gislene Madarazo

Campanha Salarial 2026

VEM AÍ A ASSEMBLEIA GERAL DOS GRÁFICOS DO ABC



Dia 13 de setembro de 2026



Horário: 9h, em primeira convocação, e
às 10h, em segunda convocação



Local: sede do Sindicato - Rua Adelina
Salvatore Bassoli, 33, Jardim das Américas
- São Bernardo do Campo

O que vamos decidir: vamos debater e analisar
a resposta patronal às negociações coletivas de
2026/2027.



NOSSAS REIVINDICAÇÕES

Nossa pauta está com o setor patronal desde 1º de julho de 2026 e inclui:

- Reajuste salarial de 100% do INPC, mais 3% de aumento real;
- Reajuste da PLR;
- Reajuste do vale-compra;
- Reajuste dos pisos salariais e dos demais benefícios socioeconômicos previstos na Convenção Coletiva;
- Melhoria e desburocratização das condições para o pagamento do auxílio-creche, destinado às mães e aos pais com filhos menores de 36 meses;
- Adequações na redação de cláusulas da Convenção Coletiva que necessitam de ajustes para garantir sua correta aplicação pelas empresas.

**A participação de
cada trabalhador
e trabalhadora é
fundamental!**

É na união, na organização
e na participação da
categoria que fortalecemos o
Sindicato e ampliamos nossa
capacidade de defender
direitos, conquistar avanços
e enfrentar os desafios da
negociação coletiva.



**Compareça,
contamos
com a SUA
PRESENÇA!**

NEGOCIAÇÃO COLETIVA 2026-2027: SEM UNIÃO, NÃO HÁ CONQUISTA



**Francisco Carlos
Campelo da Silva**
(Presidente)

Estamos em mais um ano de negociações coletivas para a renovação de nossa Convenção Coletiva de Trabalho. A cada ano, nosso Sindicato se esforça para melhorar a relação com o setor empresarial e conscientizar trabalhadores e trabalhadoras sobre a importância da negociação, buscando bons termos para ambas as partes. Infelizmente, os resultados nem sempre têm sido os necessários e desejados.

Do lado empresarial, é compreensível que as empresas busquem defender seus interesses. O problema é quando questões como baixos salários, falta de mão de obra, péssimas condições de trabalho e jornadas excessivas são atribuídas ao Governo, sob a alegação de que programas sociais, como o Bolsa Família, fazem com que as pessoas não queiram trabalhar.

A realidade, porém, é outra.

Baixos salários, retirada de direitos, condições precárias e jornadas excessivas tornam o trabalho cada vez menos atrativo. Não é razoável exigir que o trabalhador passe oito horas dentro da empresa, muitas vezes submetido a condições desrespeitosas, e ainda enfrente horas de transporte lotado para ir e voltar para casa.

O empresário que não compreender essa nova realidade está fadado ao fracasso. Não adianta jogar a culpa no Governo.

Mas também precisamos olhar para o nosso lado. Parte dos trabalhadores vem deixando de dar ao Sindicato a importância e o apoio necessários. Muitos não participam, não contribuem para o fortalecimento da organização, mas cobram resultados e esperam milagres nas negociações.

Essa falta de participação também favorece o jogo empresarial. Em muitos casos, as empresas sequer tratam as negociações com os representantes dos trabalhadores com a seriedade necessária. O descaso chega ao ponto de colocar alguém à mesa apenas para dizer: “É isso e ponto final”.

Isso é desrespeitoso. Mas também é consequência do enfraquecimento da organização sindical e da pouca participação da categoria.

Isso não é um desabafo de sindicalista. É a constatação de fatos.

Precisamos também lembrar o que aconteceu nos últimos anos. O processo iniciado após 2016, com o golpe que tirou Dilma e empossou Michel Temer e seu projeto “Ponte para o Futuro”, abriu caminho para a retirada de direitos e conquistas dos trabalhadores. Na época, o Sindicato alertou sobre os riscos. Muitos não deram a devida importância aos avisos e sequer procuraram se informar.



É preciso ter memória. Não podemos atribuir aos sindicatos a responsabilidade por escolhas das quais também participamos como sociedade.

Este ano teremos novamente eleições para deputados estaduais e federais, senadores, governadores e presidente da República. O que está em jogo é o futuro dos trabalhadores e de suas famílias.

Por isso, é fundamental votar com consciência e responsabilidade, escolhendo representantes comprometidos com os interesses do povo e dos trabalhadores.

DOIS CAMINHOS

Resta-nos, portanto, dois caminhos.

O primeiro é união, organização e responsabilidade. É fortalecer o Sindicato, participar das decisões, contribuir para a organização da categoria e manter a disposição para lutar pelos nossos direitos, independentemente da função que cada um exerça na empresa.

O segundo é o caminho do enfraquecimento. Todos têm o direito de discordar, afinal, vivemos em uma democracia. A crítica é legítima e necessária quando é construtiva e contribui para melhorar a organização.

O que não podemos aceitar é a crítica sistematicamente destrutiva, que estimula o afastamento dos trabalhadores e enfraquece o Sindicato. Isso é um tiro no próprio pé e só beneficia o patrão.

O Sindicato só cresce com a participação da categoria.

Críticas construtivas, sugestões e divergências fazem parte do debate democrático e ajudam a organização a avançar. Virar as costas, deixar de participar e atacar sistematicamente a entidade, ao contrário, não ajuda e não constrói nenhum futuro.



**SEM UNIÃO, ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO,
NÃO HÁ FORÇA PARA NEGOCIAR. E SEM FORÇA
PARA NEGOCIAR, NÃO HÁ CONQUISTAS.**